



REFORMA INTERIOR

«RASGAI OS VOSSOS CORAÇÕES E NÃO OS VOSSOS VESTIDOS»

Estas palavras do Profeta foram postas à consideração dos fiéis logo no alvorecer do primeiro dia da Quaresma, como ponto de meditação que é necessário fazer-se com toda a imparcialidade.

A penitência exterior só vale enquanto é tradução visível da penitência interior.

Entre os antigos usava-se muito a penitência pública, que era um sinal de humilhação perante o mal feito, quer pelo penitente, quer por outrem.

Em sinal de desgosto ou repulsa pelo mal praticado, era costume rasgarem-se os vestidos, mas, muitas vezes, ficava-se neste sinal externo de penitência, e continuava-se a alentar os mesmos vícios e defeitos. Era o que acontecia até com os fariseus que se penitenciavam em público para dar nas vistas e serem tido como virtuosos, enquanto na vida privada continuavam de coração corrompido. Contra esta ostentação de falsa virtude insurgiu-se Cristo, por várias vezes, investindo contra a hipocrisia farisaica.

Quando a Igreja, depositária da Revelação Divina, convida os seus filhos à penitência, não quer, de forma alguma, que o cristão se fique apenas em sinais externos de arrependimento, mas deseja que se sacrifique a vontade, a inteligência e o afecto, ordenando tudo para Deus e negando satisfação aos desejos e sentimentos que não estão de acordo com o Evangelho.

Obedecer à autoridade da Igreja sem criticar as suas determinações, pois a autoridade da Igreja é a expressão da vontade de Cristo seu chefe invisível.

A Reforma interior tem de partir de uma revisão sincera da nossa vida cristã, à luz do Mandamento Novo de Jesus
(Continua na pág. 3)

NOVO ANO

Com este número, o 98 da II e III Série, entra «Notícias de Campelo» em novo ano de publicação.

Foi em 1962 que o saudoso P.º Manuel Luís, em equipa com os Padres da Região, lançou pela primeira vez aquele que devia ser o primeiro e único jornal da Freguesia de Campelo.

A falta de saúde e mudança de Freguesia não lhe permitiu continuá-lo senão até 1964. Mas em Março de 1970, há nove anos completos e sem interrupções, recomeça a sua missão. Até quando? Os leitores têm a palavra.

A AFRONTA DA TELEVISÃO

«Os Anos do Século» deram que falar

Um dos problemas que agitaram a opinião pública, nos últimos tempos, foi sem dúvida o tristemente célebre episódio do programa televisivo «Os Anos do Século».

Tal episódio levou a Comissão Administrativa da Televisão a suspender o realizador, José Elyseu, que antes do 25 de Abril tinha feito um programa idêntico mas em que dizia precisamente o contrário do que se viu agora. O alarido dos Comunistas e «Socialistas» levou a Comissão Administrativa a levantar tal suspensão. A Assembleia da República dedicou-lhe quatro horas de debate, enquanto a imprensa diária se dividiu em três grupos: o daquela que verberou o «enxovalho à Igreja Católica e às Forças Armadas», provocando «a repulsa espontânea e eloquente perante o vômito largado à cara dos

(Continua na pág. 2)

O PINTOR MALHOA E FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Há muitas pessoas que desconhecem a biografia do grande pintor português José Malhoa, que escolheu a região de Figueiró dos Vinhos para motivação de seus quadros e aqui passou parte de sua vida. Porque «Notícias de Campelo» tem papel relevante na formação e informação de muitos habitantes deste Concelho, resolvemos escrever dois artigos sobre a vida e obra deste insigne mestre da pintura que amou apaixonadamente as gentes e as coisas da nossa terra.

VIDA E OBRA DE JOSÉ MALHOA

José Vitel Branco Malhoa nasceu nas Caldas da Rainha a 28 de Abril de 1854, dizendo dele alguns biógrafos que, ainda garoto, já cultivava a arte da pintura, decorando as paredes da Travessa de S. Sebastião, onde então vivia. Os Pais destinavam-no a entalhador mas o artista Leandro Braga levou a família do jovem a apoiar a sua entrada na Escola de Belas Artes.

Não foi um menino prodígio, pois no fim do primeiro ano de Belas Artes a informação do professor apresenta-o como indivíduo de «pouca aplicação, pouco aproveitamento e comportamento péssimo», havendo outras informações de que por diversas vezes os professores se viram obrigados a expulsá-lo das aulas, tal a irrequietude de que deu provas durante toda a sua vida. Entretanto, este seu feitio não obstou a que fosse o aluno mais bem classificado em todos os anos do seu curso artístico.

Concluído este, pensou em completar a sua educação em pintura no Estrangeiro e concorreu por duas vezes a bolsas de estudo concedidas pelo Estado. Não o conseguiu, apesar do seu reconhecido merecimento, por terem sido dadas a outro que metera grandes empenhos.

Foram tais os protestos, que a Academia acabou por não dar a bolsa de estudo ao que havia escolhido. Mesmo assim, José Malhoa prometeu a si mesmo nunca mais querer saber da arte que aprendera e empregou-se como caixeiro numa loja de modas pertencente a um seu irmão.

Um pequeno dissabor, quase anedótico, levou-o a mudar de ideias. Uma senhora entrou um dia na loja e perguntou-lhe se ele não era aquele pintor que havia exposto um quadro em Madrid, obra que os portugueses ainda não haviam visto. Mas enquanto conversavam, a dita senhora revolveu e escangalhou vários dos seus estupendos chapéus. Irritado, o pintor decidiu abandonar a profissão de caixeiro e dedicar-se exclusivamente à pintura artística. Estávamos em 1881.

O quadro de que lhe falara a senhora tinha o título de «Seara Invadida» e havia-o pintado nas horas vagas, para matar o «vício» que o roía. Nele se verificava já a tendência, que o não havia de largar, pela pintura ao ar livre.

Os seus quadros são cenas vivas, registadas para a posteridade, da nossa história social nos campos, durante a segunda metade do século XIX e princípios do actual; e, quando dizemos «nossa história», queremos referir-nos à história dos camponeses de Portugal, mas sobretudo da região de Figueiró dos Vinhos. Nos seus quadros está presente o nosso Povo, tal como é nos diversos momentos da sua vida: no trabalho, nas festas e romarias, na sua religião, nos seus hábitos e até nos seus vícios. Não foi por acaso que o grande Mestre escolheu este nosso Concelho de Figueiró para dar rosto e paisagem às suas melhores obras. A sua fina sensibilidade de artista descobriu aqui, tão longe da sua terra natal, a beleza arrebatadora da paisagem e o traço típico do português real. Quem se não lem-



José Malhoa, quando executava ao ar livre um dos seus últimos trabalhos

bra do realismo de quadros como «A Volta da Romaria», «A Procissão», «As Promessas», «Festejando o S. Martinho» «Só na A deia»?

Obras como «O Remédio», representando aquela mulher que cruza os caminhos, ao entardecer, com o remédio para o doente, não são ficções ou produto da imaginação do artista. Eram a vida daquelas gentes, Povo da nossa terra, que passou dores e angústias,

(Continua na pág. 2)

COMO EU VEJO A QUARESMA

Amigo leitor, este jornalzinho é uma carta; é sempre uma carta para ti, quer sejas católico fervoroso, quer sejas apenas um cristão medíocre ou... apenas um homem com letra grande. Neste mês lembrei-me de ti e, debruçando-me sobre a liturgia do tempo que estamos a comemorar, venho convidar-te a meditares comigo.

Talvez tenhas ido na quarta-feira de cinzas à igreja da tua freguesia. Ali soaram aos teus ouvidos aquelas palavras da Escritura: «Lembra-te que és pó...» Eu ouvi essas palavras e sobre a minha cabeça pousaram também as cinzas, para me lembrar da realidade da Bíblia. Lembrei-me então da desenfreada ânsia de grandeza que vai por esse mundo fora. Lembrei-me do desprezo a que é votado o pobre sobre quem cai mais em cheio o peso da amargura e da miséria.

Mas, afinal, diante de Deus, todos somos o mesmo pó, agora movimentado por uma alma criada por Deus e para Deus, e mais tarde pó caído, como dizia o padre António Vieira.

Entrei, pois, na Quaresma, convencido desta grande verdade: Tudo o que sou devo-o a Deus. Abandonado ao meu egoísmo, não sou capaz de coisa alguma, a não ser de tornar maior ainda a minha miséria. As forças do mal procuram destruir em mim a noção do que é divino e iludir-me com falsas promessas. Tenho de resistir a essas forças como Cristo resistiu ao tentador. Agora, como sempre, prevalece a triplíce tentação da gula, da vanglória e da ambição.

Já sei que por mim nada posso. Tenho de me fortalecer com a Graça, para que, revestido de Cristo, transmita aos
(Continua na pág. 3)



Notícias Regionais

POR CAMPELO

O sr. Presidente da Câmara visitou todos os lugares onde irão ser iniciadas dentro em breve obras de arruamentos — Campeo, Alge e Fontão Fundeiro — e ainda Vilas de Pedro onde será construído o Cemitério. Tudo correu bem e as obras serão feitas como estava previsto com agrado geral das populações.

Contas da Igreja

Em 31 de Dezembro de 1978 as contas da Fábrica da Igreja, no que diz respeito a receitas e despesas da Igreja Paroquial, eram as seguintes:

Receitas	23 034\$40
Despesas	19 167\$70
Saldo positivo	4 866\$70

Nestas contas está incluído o saldo de 1977 — 1 641\$40 — e o saldo da Festa de 1978 — 1 427\$00. Não se inclui o saldo da Festa de 1977 por ter ficado numa Comissão que pretende erguer um palco no adro da Igreja. A propósito, quando é que a tal Comissão projecta as obras?

PELO SINGRAL

Aquando da visita a Alge, uma Comissão do Singral avistou-se com o sr. Presidente da Câmara para lhe pedir uma estrada decente para esta povoação. Parece que foram bem atendidos, indo ser feito projecto para breve se abrir ao menos, a terraplanagem.

Entrevista com o Presidente da Câmara

Leia no próximo número uma entrevista com o sr. Presidente da Câmara de Figueiró dos Vinhos.

Se não for assinante, garanta o recebimento de «Notícias de Campelo» assinando-o. As condições de assinatura anual são as seguintes:

40\$00 — para a Freguesia de Campelo.

50\$00 — Em todo o País continental. Conforme o preço dos C. T. T. — Estrangeiro.

Escreva ou peça directamente a inscrição como assinante ao

P.^o MANUEL VENTURA PINHO
FIGUEIRÓ DOS VINHOS

«Os Anos do Século» deram que falar

(Continuado da pág. 1)

espectadores pela calada da noite, utilizando venenosamente imagens e sons, num trabalho de manipulação e de demagogia lamentável; o da imprensa que se ficou pela insensibilidade e indiferença perante um espectáculo tão nojento, a lembrar os piores momentos das agressões ideológicas gonçalvistas-comunistas, manifestando deste modo a falta de nível espiritual e moral dos responsáveis por tal imprensa; e o daqueles órgãos da informação, que sentindo a repulsa do povo português, habilmente desviaram a questão fazendo-a deslizar do campo do enxovalho e da cretinice para o situar no sector da liberdade ou falta de liberdade, da censura ou não censura dos programas. Isto passou-se caracteristicamente com o «Diário» e o «Diário de Lisboa», habitualmente correias de transmissão das orientações do Partido Comunista.

Foi uma manobra hábil a deste terceiro grupo da imprensa diária. Permitia esquecer o fundamental da questão, que era o nojento, o mentiroso, o cínico e o anti-religioso de «fabricar» e apresentar nos ecrãs da TV um programa que intencionalmente metia tudo dentro do mesmo saco: a guerra colonial, os mortos, os sofrimentos do povo português, os estropiados em consequência da mesma guerra, com a visita de Paulo VI a Fátima, os sentimentos religiosos do povo português, expressos nas peregrinações àquela Santuário, as festas da inauguração da estátua a Cristo-Rei, em Almada, e a figura do Cardenal Cerejeira na homilia dessa inauguração, como que a dar a entender que era tudo a mesma coisa, que os males do País vêm da religião do nosso Povo, de Fátima, de Cristo-Rei e até do Papa.

Tal manobra pretendia esquecer o nojento e esqueroso de

POR VILAS DE PEDRO

Foi de novo à praça o projecto de construção do Cemitério desta região e desta vez concorreram vários interessados, assim como para o de Chimpeles.

A obra foi entregue, por cerca de dois mil e quinhentos contos.

PELO FONTÃO FUNDEIRO

Fa ceu no passado dia 9/2/79, o sr. Almerindo Lucas Prior, filho de Cipriano Simões Prior e D. Maria Rosa Lucas Prior.

O saudoso extinto, que era solteiro, ficou sepultado em Campelo. Aos familiares os nossos votos de pesar.

— No dia 4/3/79, prestou contas a Deus o sr. Joaquim Simões Ribeiro, casado, de 85 anos. O saudoso extinto era filho de José Simões e de Rosa Maria.

A sua esposa e filhos, Agostinho, Joaquim e José da Silva Ribeiro, os nossos votos de pesar.

A família dos extintos aproveitava este jornal para expressar os seus agradecimentos a todos os que os acompanharam ao Cemitério de Campelo.

POR EIRAS

Nesta povoação, faleceu, no passado dia 20 de Fevereiro, a sr.^a D. Palmira Maria, de 86 anos, viúva de António Lourenço e filha de António Matos e Justina Rosa.

A seus filhos, especialmente a sr.^a D. Liberata Maria Lourenço, os nossos votos de pesar.

POR CAMPOLINHO

No dia 21/2/79, faleceu o sr. Victorino dos Santos, em Lisboa, cujo funeral se fez para o Cemitério de Campelo.

A sua família, os nossos sentimentos.

POR FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Cemitério

Vai proceder a nossa Câmara ao alargamento do Cemitério que já é pequeno para uma Freguesia tão numerosa. As obras far-se-ão por administração directa, seguindo projecto do G. A. T., aqui sediado, e que serve os Concelhos de Ansião, Alvaiázere Figueiró, Castanheira e Pedrógão. As obras destas Câmaras são projectadas por este Gabinete de Assistência Técnica, um dos bons frutos, bem poucos, do 25 de Abril.

IGREJAS QUE HAVIA NA REGIÃO PELOS ANOS DE 1320

Por uma Bula dada em Avinhão a vinte e três de Maio do ano de mil trezentos e vinte, que era o quarto do pontificado do Papa João vinte e dois, concedeu este a El-Rei D. Dinis de Portugal, por tempo de três anos para subsídio da guerra contra os mouros, a décima parte — 10 por cento — de todas as rendas das Igrejas, Comendas e Mosteiros de seus Reinos, excepto as das Igrejas, Comendas e Benefícios pertencentes à Ordem de S. João do Hospital de Jerusalém (a Ordem de Malta), por os professos dela se empregarem continuamente em exercícios militares contra os mesmos infiéis.

E, como para sortir o devido efeito esta graça era preciso proceder à averiguação do anual e verdadeiro rendimento de cada uma das Igrejas, Mosteiros e Benefícios, cometeu Sua Santidade pela mesma Bula esta diligência ao Bispo de Coimbra, D. Raimundo ao Deão da mesma Catedral, chamado D. Gonçalo de S. Jorge, e a João de Solerio, Cónego de Herfórdia, e Núncio, que então era em Portugal.

Para que todos os três, ou ao menos dois deles dessem execução à dita Bula. O que fizeram em todo o País.

Esta nota é já reprodução, em linguagem de hoje, de parte do manuscrito n.º 179 da Biblioteca Nacional de Lisboa que refere os nomes das Igrejas e a taxa que lhe foi aplicada. Esta taxa vem em libras (moeda de conta desse tempo). Cada libra valerá hoje cerca de 150\$00, segundo averigui.

EIS AS IGREJAS AÍ REFERIDAS E LOCALIZADAS NESTA REGIÃO, TAXADAS EM LIBRAS DO TEMPO.

Igrejas de Peneia (sede do Arcebispo) — 900 libras
Santa Maria de Aguda — 180 libras

S. João de Figueiró — 160 libras
Vigarraria da Igreja de Pedrógão — 100 libras
Santa Maria da Arega — 100 libras
Igreja de Dornes — 220 libras
Comenda da mesma Igreja — 250 libras
Santa Maria de Águas Belas — 30 libras
A de Ferreira — 80 libras
A Comenda da mesma — 150 libras
A de S. Pedro de Murça — 50 libras
Igreja de Poços (Pussos?) — 180 libras
Comenda da mesma — 120 libras
Santa Maria Madalena de Alvaiázere — 120 libras
Santa Maria de Maças de Caminha — 25 libras
Santa Maria de Pousa-Foles (Flores) — 40 libras
Igreja de Maças de D. Maria — 100 libras
A de S. Salvador de Miranda — 400 libras
A de S. Silvestre da Lousã — 500 libras
Igreja de S. João de Palmá — 100 libras
Santa Maria de Ansião — 40 libras
Igreja do Alvorge (Santa Cruz) — não taxada
A de Pombalinho — 100 libras
Santa Maria do Zambujal — 130 libras
Santa Maria de Podentes — 210 libras.

Como vemos pelo mapa junto, muitas das Freguesias de hoje ainda o não eram então. Nem sequer teriam qualquer Igreja. Uma ou outra teria a sua CAPELA. Na Comarca, é o caso de Campelo, Graça, Vila Facaia, Castanheira e Coentral.

Pedrógão era uma Vigarraria.

Figueiró tinha uma renda menor que a Aguda, mas a sua Igreja, no sítio onde está hoje ou não, mas nunca o edifício actual, já era dedicada a S. João Baptista.

O PINTOR MALHOA E FIGUEIRÓ DOS VINHOS

(Continuado da pág. 1)

por falta de meios de comunicação e o mínimo de condições de existência.

José Malhoa veio viver para o meio do Povo, conhecia as suas alegrias e amarguras, os seus anseios e desilusões, as suas festas e os seus desgostos, o seu trabalho e sua solidão. Figueiró dos Vinhos e aldeias em redor são o seu campo de trabalho. As loiças, os tipos humanos, a indumentária, as castanhas, a broa de milho, as papas, a anatomia das figuras, o chapéu largo, não usado antigamente nesta região, os diversos utensílios caseiros e de lavoura, as casas, as Ermidas e até as árvores dos seus quadros são a melhor prova de que a sua arte é a arte da realidade existencial dos Figueiroenses que nos precederam.

O Povo, na obra de Malhoa, não é representado apenas por alguém que o viu enquanto espectador, mas sim por quem teve o poder de penetrar na sua alma. Vejam-se essas caras, esses rostos vinculados! Esses gestos suspensos! Esse movimento de rugas que marca dramas, alegrias passageiras, angústias sem remédio. E as mãos? As mãos que o Mestre pintou como nenhum outro!

O pintor das Caldas da Rainha é na verdade um artista popular. Não porque seja ligeiro, simples ou de pouca arte. Pelo contrário, Malhoa é dos melhores pintores portugueses de todos os tempos. Mas sim porque nos seus quadros os homens e mulheres do Povo e sua vida têm papel primordial.

(Continuará)

AMIGOS DO JORNAL

Até ao dia 18/3/79, havíamos recebido mais os seguintes pagamentos de assinaturas de «Notícias de Campelo»:

30\$00 — do sr. José Rodrigues Marques — U. S. A.

250\$00 — dos srs. Jorge Walter Cardoso Guimarães — Lisboa e Lúcio Simões Arinto — Figueiró dos Vinhos.

200\$00 — dos srs. Manuel da Conceição Martins — Lisboa e António Nunes da Silva — Lisboa.

150\$00 — dos srs. Manuel Marques — U. S. A.; Abílio Simões Pereira — Brasil e Major Manuel dos Santos G. Carvalho — Mem Martins.

120\$00 — do sr. Aníbal de Jesus Martinho — Campelo.

100\$00 — dos srs. Alfredo Henri-

ques dos Santos — Dafundo; Aurelino Neto Lopes — Coimbra; José Francisco dos Santos — Campelo; Joaquim Simões Relvas — Campelo; Victorino Rodrigues D'as — Lisboa; Vasco Pereira Simões — Pé de Ingote; dr. Artur Cardoso Furtado — Figueiró dos Vinhos; Jorge Rodrigues Valtelhas — Corroios e Jesuino dos Santos Mendes — Lisboa.

60\$00 — dos srs. Manuel Henriques dos Santos — Campelo; José da Silva Lucas — Buarcos e Manuel da Silva Lucas — Buarcos.

50\$00 — dos srs. José Medeiros (a fiate) — Figueiró dos Vinhos; Luciano Henriques Pedro — Aldeia Fundeira; Joaquim de Abreu — Aldeia Fundeira; Casimiro Rodrigues — Ribeira Velha; Abílio dos Santos — Serrada; Amaro da Silva Mendes — Moínhos da Ribeira; Manuel da Conceição Alves — Póvoa; Francisco Fernandes de Abreu — Vale do Vicente; José Alves Silva Vinhas — Odiveias; D. Maria Rosa Luz Carvalho — Ribeira Velha; Manuel de Matos Lourenço — Odiveias; Ildário da Silva Santos — Porto da Coelheira; Gustavo Manuel de Jesus Medeiros — Figueiró dos Vinhos; D. Laurinda da Conceição — Fontão Fundeiro e Antero Godinho dos Santos — Fontão Fundeiro.

40\$00 — dos srs. Albino Carvalho Gomes — Ribeira Velha; Prazeres de Jesus Bruno — Vilas de Pedro e José Simões Nunes — Fontão Fundeiro.

CONTAS

Até este número temos as seguintes contas:

Receitas	215 789\$80
Despesas	212 790\$80
Saldo positivo	2 999\$00

O ZEFERINO E O LUCAS

Meu caro compadre Zeferino, depois de prolongada ausência, não podia deixar que a minha primeira visita fosse para si. Gostava de saber, em primeiro lugar, da sua saúde.

— Pois meu amigo, tenho procurado tranquilidade de espírito, uma grande esperança em dias melhores, e, para ver se estes olhos ainda chegam a enxergar a paz e o progresso na nossa terra, cá vou comendo umas sopas para conservar as forças.

— Sabe o compadre que vamos entrar no quinto aniversário da Revolução dos cravos?

— É verdade... mas julgo que não haverá razões para festejos. As coisas pareciam começar bem, mas não tardou que os ares começassem a ficar sombrios. Pensava-se que ressuriria uma Pátria renovada, no amor fraterno, na alegria e na liberdade, livre de fascismo e de ditaduras, mas, passados poucos dias, viu-se bem quem pretendeu em no-



me da «liberdade», dos interesses das «classes trabalhadoras», apoderar-se do poder e travar qualquer boa vontade em tornar feliz a nossa Pátria.

As forças do mal eram as únicas que se encontravam fortemente organizadas para o assalto. E vai daí, que se infiltraram em todos os lugares, ora disfarçadamente, ora às claras; e assim, o fermento comunista totalitário infiltra-se nos meios de comunicação social, na imprensa e na rádio, nos departamentos do Estado, nas fábricas, nas escolas, nos campos e nas forças armadas, nos sindicatos e outras agremiações, iludindo os pacatos trabalhadores com promessas que nunca se poderiam cumprir. Assim, podemos afirmar com verdade que muitos portugueses dos bons ainda alimentam esperanças vãs. O resultado está à vista. Desde 1974 ainda não veio um único governo que pusesse acima de tudo os interesses de Portugal. E já estamos no décimo Governo. Os provisórios, como se chamava aos primeiros seis Governos, esgotaram as reservas, degradaram o ensino, desacreditaram o País, principalmente o quarto e o quinto de triste memória, em que estivemos mesmo à beirinha de cair nas garras do comunismo. Os outros que se seguiram poderíamos chamar-lhes «A ditadura partidária». Aos dois últimos, chamados independente, verificamos que mostraram vontade de governar, mas são torpedeados de todos os lados por forças partidárias que nada fizeram e nada querem deixar fazer. Como se poderá reconstruir um país arruinado quando tudo se exige e nada se dá?

— Lá isso é verdade. Veja o compadre o que se passa nos sindicatos: Os dirigentes dos sindicatos, para serem agradáveis aos trabalhadores que lhes pagam chorudos ordenados, atiram com eles para as greves, para exigirem mais ordenado, mas nunca publicaram qualquer determinação para que realizem trabalho que jus-

tifique esse ordenado. Na Alemanha ou na França, os ordenados são altos, mas o trabalho que o operário realiza é verificado todos os dias; e se o trabalhador não produzir trabalho que valha mais do que o seu salário, será despedido dentro de pouco tempo.

É por isso que, entre nós, uma grande parte das forças sindicais o que pretendem é a ruína económica das empresas, e tornar o país mais pobre. É isto que as forças totalitárias desejam para subirem ao poder.

— Mas eu tenho visto nos jornais que tanto na Itália como na Espanha, o partido comunista não é igual ao Partido Comunista Português.

— Pois não. Embora o comunismo ateu não possa ser bom em parte nenhuma, a sua acção está ligada aos mestres a quem obedecem. O que sabemos é que o comunismo português é discípulo de um dos maiores criminosos de toda a História, que foi Estaline, na Rússia, responsável pela morte de muitos milhões de pessoas.

Este, para além de ser ateu (sem Deus), é inimigo da liberdade. Nos regimes comunistas, principalmente na Rússia e outros países onde a Rússia implantou o comunismo, o poder está só na posse de uns poucos. A grande massa trabalhadora não tem liberdade e come pela mão do Governo. Mas, todos os que pretendem implantar o comunismo começam por prometer liberdade, reclamar o chamado poder popular, para pôr todo o povo em barulho, instalar a desordem, o crime, a imoralidade e devassidão, até apodrecerem a sociedade, e depois de verem uma sociedade sem forças, saltar-lhe em cima, tomar o poder, proibir a desordem, obrigar ao trabalho, exigir muita produção por pouco salário e fazer dum povo como que um patronato onde todos comam pela mão dos Senhores que estão nas cúpulas do poder. A estes é que não falta nada. São eles os donos do País e os donos do povo.

— Se assim é, eu não compreendo como é que nos comícios comunistas aparece tanta gente!...

— Sim, aparece muita gente iludida na esperança de, se o comunismo aqui se instalasse, subirem todos aos bons lugares, para viverem bem sem trabalhar, e se vingarem dos tempos passados.

Mas esses comícios o que revelam é uma extraordinária união entre os comunistas. Eles são sempre os mesmos; sacrificam-se a ponto de nunca faltarem nesses ajuntamentos, nem que seja preciso gastarem contos de reis em transportes. Nisso dão eles lição a muitos milhares de portugueses que não dão um passo para marcar presença quando se trata de defender os seus direitos de cidadãos e cumprir os seus deveres cívicos.

Fez-se há pouco o recenseamento eleitoral. Pouca gente ficou por inscrever, porque foram ameaçados com multa se não cumprissem este dever. Mas, se não fossem obrigados, muitos milhares ficariam fora dos cadernos eleitorais. Mas pode ter a certeza de que nem um só comunista ficou por recensear.

Daqui a pouco mais de um ano virão as eleições, mas, se o povo não for obrigado a votar, verá que muitos milhares ficarão em casa, de braços cruzados, sem se importarem com o destino da sua Pátria, mas, verá também, que os comunistas votarão todos.

«Os filhos do mundo são mais espertos do que os filhos da Luz (Luc. 16-8).

NOTA DO MÊS

(Continuado da pág. 4)

ca uma hipoteca social. Ao homem, a terra foi dada como usufruto, beneficiando a colectividade, e não como um bem absoluto para os que detêm o título da sua posse».

João Paulo II mostra querer seguir a mesma linha das posições dos seus antecessores, principalmente Pio XII, Paulo VI e João XXIII.

Os que esperavam que o novo Papa mudasse a linha da Igreja em certas questões, como as do divórcio, do aborto, do casamento dos padres, da píula, etc., ficaram desiludidos. A Igreja, no Seu pontificado não será diferente da que existiu sob o ceptro dos anteriores papas.

Muito enganados estavam os comunistas, marxistas, socialistas e outros, quando pensavam que o Papa condescenderia com algumas das suas ideias. Comunismo e Cristianismo são incompatíveis. E os comunistas bem o sabem.

Quando os comunistas julgavam que a religião estava enterrada, assustaram-se ao verificar que oitenta por cento da população da Hungria, Roménia e Albânia é crente.

★

Outro acontecimento do mês: As inundações por quase todo o País deixaram na miséria muitas famílias e causaram prejuízos de milhões de contos. Casas destruídas, povoações isoladas, estradas alagadas e muitas outras desgraças deixaram cada vez mais pobre este «pobre país». E, para cúmulo da desgraça, a greve dos TLP (Telefonistas) deixou sem ligações telefónicas muitas pessoas que tinham extrema necessidade de pedir socorro.

Toda a pessoa de bom senso se sentiu escandalizada e revoltada contra esta traição de certos «trabalhadores» que zelam mais os seus interesses exagerados do que o bem comum do Povo a que pertencem. Quando é que as «forças ocultas» que fomentam estas greves criminosas deixarão de empurrar para o abismo uma Pátria em perigo de se afundar?...

REFORMA INTERIOR

(Continuado da pág. 1)

Cristo. É que a maior doença do mundo é a falta de Amor autêntico.

É da falta de Amor que nascem a falta de sinceridade, de honestidade, de justiça e de obediência.

Não discutir a disciplina da Igreja; não criticar nem desprezar aqueles que caíram no mal, mas ajudá-los a reencontrar o bom caminho; não abandonar a prática do cristianismo autêntico perante o fracasso de alguém que teria o dever de dar bom exemplo, mas rezar pelos que fraquejaram; acatar as reformas introduzidas pelo Concílio, como sendo a expressão da vontade de Deus; contrabalançar as deficiências dos outros com uma vida irrepreensível; são os pontos para onde deves orientar todo o teu trabalho de renovação interior nesta Quaresma de 1979.

COMO EU VEJO A QUARESMA

(Continuado da pág. 1)

outros o verdadeiro sentido do meu cristianismo. É no sacramento da Confissão que eu vou despojar-me de tudo aquilo que é obra minha, o pecado, para me transfigurar como Cristo no Tabor. Mas não basta qualquer confissão, é necessário confessar-me BEM, consciente da minha miséria e confiante na misericórdia do Senhor, a Quem devo dar a minha palavra de Homem no propósito de emenda que devo formular.

É certo que, no sacramento da Penitência, pode aparecer o «demónio mudo» que me aperte a garganta para não me acusar das minhas faltas. É preciso que eu não me deixe levar pelo tentador. Cristo nunca repeliu os pecadores, mas ia ao seu encontro e dizia-lhes: «Confia, filho, os teus pecados te são perdoados». Eu tenho de ouvir estas mesmas palavras quando me confesso, não apenas da boca do confessor, mas do próprio Cristo vindas de dentro da minha consciência.

Depois de reconciliado com Deus, eu não posso abandoná-lo, se na verdade eu O amo. Tenho de fazer um contrato com Cristo: entregar-me a Ele e viver com Ele. É na comunhão que eu realizo esta maravilha. Cristo multiplica a sua presença no mundo das almas como multiplicou os pães no deserto da Galileia; o que interessa é que não fique uma só pessoa com fome.

Lanço o meu olhar pelo mundo e parece-me que vejo essa multidão imensa de almas insatisfeitas, cheias de fome de um Deus que não conhecem nem sabem onde se encontra. Sinto então vontade de gritar: «Ele está no meio de vós e não o conheceis!» Não há maior cegueira do que a cegueira do espírito.

Se eu me lembrar da doutrina de Cristo e tiver Fé, encontro Deus em toda a parte, na Trindade das Suas Divinas Pessoas: O Pai manifesta-se com o Seu poder criador em tudo o que me rodeia. O próprio Filho, vejo-O na pessoa de todos os meus irmãos. «O que fizerdes ao mais pequenino dos meus irmãos é a mim que o fazeis».

O Espírito Santo, sinto-O dentro de mim como força motriz de todos os meus actos bons. É o permanente realizador da minha santificação; é a alma de todo o meu apostolado; é a LUZ que ateia a minha Fé e o meu amor.

Mas, para conservar a minha união com Deus, eu tenho de o conhecer cada vez melhor, através da Sua Mensagem, que é a Sagrada Escritura. A Bíblia é a Revelação de Deus pela Sua Palavra, o Seu VERBO. Portanto, tenho de estudar a divina Palavra e ouvir a voz da Igreja que me ensina a compreender. «Quem ouve a Palavra de Deus é que é de Deus».

Tenho de me lembrar que, na minha vida, haverá horas de triunfo como Cristo teve no Domingo de Ramos, mas essas horas serão muitas vezes prenúncio de grandes sofrimentos, como foram para o Mestre. Um e outras tenho de as aceitar com fé e esperança, na certeza absoluta de que, se estiver com Cristo na Sexta-Feira Santa, também estarei com Ele no Domingo de Páscoa.



Meus amigos:

Depois deste inverno rigoroso em que pouco ou nada se fez, vamos ao trabalho:

Semear as batatas, os primeiros feijões de subir, trigos tremezes, milho de sequeiro descavar e adubar as vinhas e árvores de fruto, enxertar de garfo árvores de fruto, verificar as colmeias, mondar os trigos, plantar fruteiras, etc..

Em Abril começar as primeiras curas da vinha, sachar as batatas, continuar as enxertias, plantar estacas de oliveira, semear milho de regadio, feijão de rega, plantar pimentos e tomates, cebolas e semear os melões e melancias.

Nos jardins, plantar todas as plantas próprias da primavera.

Temos de trabalhar porque há muito malandro à espera de comer o que nós fazemos greve; nós não.

REFRÃO

Em Março tanto durmo como faço.

Março chuvoso, S. João farinhoso. Se podas em Março — vindimas no regaço.

Quando em Março arrulha a perdiz — ano feliz.

Adeus, meus amigos.

Um abraço do

ZE

Os pés na língua portuguesa

Ora escuta: andar a pé — estar em pé — estar em bom pé — fazer pé atrás — fazer finca pé — tomar pé — a pé enxuto — perder o pé — bater o pé — cair em pé — entrar com o pé direito — arrebatar o pé — negar a pés juntos — com os pés na cova — com um pé na sepultura — meter debaixo dos pés — passar a pé — a pé quedo — pé ante pé — sem pés nem cabeça — deitar aos pés — com o pé no estribo — gente de pé — ao pé da letra — pés de lã — pés de boi — pés de vento — ficar no mesmo pé — pé fresco — pé leve — pé de dança — pé de guerra — pelear pé a pé — pé de galinha — meter os pés pelas mãos — pé de meia — pés para que te quero...

ANO INTERNACIONAL DA CRIANÇA

Durante o ano de 1979, dedicado à CRIANÇA, muito se dirá e escreverá acerca da criança, mas, mal de nós se se ficar apenas em palavras ou projectos.

Vemos, ouvimos e lemos muitas coisas sobre a dignidade e os direitos da criança. As Nações Unidas proclamaram os seus direitos na sua décima quarta Assembleia Geral; e o que se fez desde então?

Logo após esta Declaração Universal dos Direitos da Criança, o Papa João XXIII manifestou o regozijo da Igreja por ver que nela se sublinhava «a protecção especial» de que a criança «deve beneficiar para seu desenvolvimento físico, intelectual, moral, espiritual e social em condições de liberdade e dignidade, especialmente quando é física, mental e socialmente desfavorecida».

No ano passado, o Papa Paulo VI, já na perspectiva desta celebração, manifestou a constante solicitude da

Igreja, através dos séculos, pela felicidade da criança.

Partilhando desta solicitude, os Bispos de Portugal constituíram uma Comissão Nacional para o Ano Internacional da Criança, com a finalidade de cooperar com outras instituições estatais e particulares, de projectar a luz do Evangelho sobre situações que têm a criança como centro, de sensibilizar os organismos e obras da Igreja para os objectivos da celebração e coordenar as suas actividades.

Da nota Pastoral do Episcopado extraímos as seguintes passagens: «Com agrado verificamos que, em Portugal, são já diversos os sectores, embora nem sempre completamente imunes de concepções erradas, em que o interesse pe a criança se poderá assinalar. A Assistência materno-infantil tanto pré-natal como após o nascimento; a generalização do ensino primário e a expansão do ensino pré-primário; o alargamento das instituições de re-

cuperação dos deficientes inuisuais e surdos-mudos..., a multiplicação de actividades de natureza cultural e recreativa dirigidas às crianças ou por elas levadas a efeito; os progressos conseguidos na linha de uma pedagogia adaptada à mentalidade infantil, etc....».

Em seguida os Bispos referem-se às «tristes realidades de uma certa exploração organizada que fazem da criança certos órgãos da comunicação social, as engrenagens avassaladoras da sociedade de consumo e não poucos adultos — indivíduos ou grupos — sem escrúpulos nem sentimentos; as condições deficientíssimas de alojamento, de alimentação e de saúde de que sofrem muitos milhares de crianças, principalmente em certos meios rurais e nos subúrbios de certos meios urbanos; a falta de preparação e incoerência de certos mestres de ensino e a orientação materialista a que em parte, ainda estão sujeitos os programas escolares; a enor-

me infelicidade de tantas crianças provenientes dos antigos territórios dos ultramar que continuam sem pátria e muitas delas já sem família; enfim, a campanha a favor da liberalização do aborto, negando, na prática, à criança já concebida o primeiro e mais fundamental dos seus direitos — o direito à vida. Por isso, são ainda bem numerosas as crianças que entre nós, não nascem livres e iguais e que, nas condições concretas da sua vida, de facto não usufruem iguais direitos»...

Depois de se queixarem da falta de apoio que o Estado deve dar à missão educativa da família, dos que pretendem procurar o bem da criança desligando-a do seu ambiente natural que é a família, falam do «número crescente dos filhos que vêm destruídos pelo divórcio os lares dos pais, com a instabilidade e traumatismos que daí resultam e que os afecta poderosamente na sua formação».



NOTA DO MÊS

O mês de Fevereiro foi rico em acontecimentos, alguns dos quais podemos classificar de «tristes acontecimentos». Vamos começar pelos mais felizes:

A TERCEIRA CONFERÊNCIA EPISCOPAL, NO MÉXICO

Uma espécie de Mini-Concílio efectuou-se na América Latina, em Puebla, no México, com mais de 350 bispos e cardeais do Brasil, Chile, Bolívia, Equador, Peru, Venezuela, México, etc., e que foi inaugurado pelo Papa João Paulo II. Foi um momento alto para a Igreja que conta naquelas paragens americanas com cerca de metade dos católicos do mundo. Perante a expectativa de alguns elementos progressistas, o Santo Padre deixou bastante clara, nos seus discursos, a doutrina do Vaticano respeitante à inserção da Igreja no mundo.

Aproveitando a sua ida à inauguração da Conferência, o Papa visitaria os campos de Guadalajara e os operários índios para lhes definir a doutrina social da Igreja Católica sob o seu pontificado: «O Vaticano defenderá intransigentemente os direitos do homem, sem ceder às ideias revolucionárias, abrindo-se a um reformismo incompatível com as ditaduras retrógradas existentes na América Latina».

Em Puebla, o Papa afirmou: «Cristo não é um revolucionário, um subversivo de Nazaré»; a ideia de Cristo como uma figura política não está de acordo com a catequese da Igreja; «a Igreja cede aos governos que levem a cabo políticas inteligentes, corajosas e perseverantes para defender as famílias contra a pobreza, a miséria, a doença e o número excessivo de nascimentos; apelamos uma vez mais: respeitem o homem. Ele é a imagem de Deus».

Em Guadalajara afirmou: «Irmãos operários, o trabalho não é uma maldição, mas uma bênção de Deus que permite prosseguir a Sua obra, uma vocação para transformar o mundo num mundo de paz e de justiça, segundo Deus, sem carências nem injustiças».

Em Oaxaca o Papa afirmou «a defesa das expropriações em certas condições, dado que o direito de propriedade embora legítimo, impli-

(Continua na pág. 3)

NÓS SOMOS JOVENS

Que mal há em me encontrar com uma rapariga? Porque não posso andar com um rapaz? Nós já sabemos o que é o amor...

Porque é que o baile pode ser mal?... Só lá vou para me distrair...

Em que é que um rapaz e uma rapariga devem falar? Como é que se devem conhecer? Porque nós queremos ser felizes...

Eis algumas das muitas perguntas e sugestões que qualquer rapaz ou qualquer rapariga nos podia fazer.

Que pensar de tudo isto? Que atitude devemos tomar? Sorrir, deixar passar ou esclarecer?

★

Todo o ser humano tem dentro de si o desejo de convivência; ninguém gosta de estar só. Todo o ser verdadeiramente humano aspira ao amor que é o eixo de toda a existência. E se isto sucede com toda a gente, numa maneira especial, dá-se com a Juventude.

Com efeito, na idade em que os sentimentos brotam com a força de torrente forte a despenhar-se montanha abaixo, em que há um ideal de amizade e de verdade que procura realizar-se tentando escolher o seu próprio caminho, tudo ganha em intensidade o que por vezes pode perder em profundidade.

E como a juventude não sabe encobrir as suas atitudes, alarma, por vezes, os adultos.

Haverá razão para esse alarme?

A maneira de procurar o amor varia de época para época, de região para região. Contudo, em todos os tempos e em todos os povos, existe esta procura. Por que é que tal facto se dá? Porque Deus colocou no coração do homem e da mulher este sentimento de mútua atracção, porque nem o homem nem a mulher foram criados para uma vida solitária, mas para a vida familiar. Convém, no entanto, desde já, não esquecer que pode haver excepções e que tanto o homem como a mulher podem dedicar-se a um ideal mais alto, para servir os outros, que os pode levar ao casamento. Mas em regra, o rapaz e a rapariga devem encontrar-se para se conhecerem.

Ao princípio, estes encontros não devem visar o casamento, quer por causa da idade, quer pelas complicações de toda a ordem que um tal fim traria. E, além disso, o amor não se vai comprar, como quem vai a uma exposição de painéis. O rapaz antes de descobrir a sua futura esposa, tem de descobrir a mulher, o outro sexo. Depois desta descoberta, quando os anos já lhe derem uma certa estabele-

cidade, então estará em condições de procurar a sua companheira de toda a vida.

O namoro é tempo de encontro. Este encontro é necessário e deve ser feito com toda a verdade e com toda a sinceridade. O que muitas vezes sucede é que o namoro se torna tempo de mentiras; talvez mentiras agradáveis, mas que mais tarde saem muito caras. Por isso é que o encontro deve ter um certo tempo de duração, deve ter certas condições, devia ser orientado por uma pessoa esclarecida que conhecesse as diferenças psicológicas entre o rapaz e a rapariga, que levasse este tempo de encontro aos verdadeiros problemas.

Neste tempo de encontro aparecem os bailes. Os bailes podem ser bons e podem ser maus. São uma reunião de jovens, onde se podem estabelecer contactos; tudo dependerá da formação e correcção de quem os frequenta. Mas, evidentemente, o encontro, o conhecimento sério e profundo não pode ser feito à base de bailes, porque no baile tudo se vê com os olhos falsos que muitas vezes enganam. O baile poderá ser um princípio; nunca a base de um conhecimento que vai durar toda a vida.

O mistério de duas almas que buscam a felicidade em conjunto,

é muito sério. É necessário que os problemas, os diferentes gostos, a maneira de ser sejam conhecidos antes do casamento. Quem vai para o mar apresta-se em terra; antes que cases vê o que fazes; isto diz o nosso povo com profunda sabedoria.

O amor não são cantigas, nem anúncios de televisão; o amor é o encontro de duas almas, que se vão ajudar para toda a vida. Exige assim, que cada um se mostre como é, que aprenda a amar, com sacrifício e com alegria.

E a felicidade começa no coração de cada jovem, quando escolhe um bom conselheiro e quando prefere a verdade que salva, em vez de mentiras e aparências enganosas.

C. D.



Ria...
que só
faz bem

Um sujeito encontra um amigo logo de manhã e pergunta-lhe:

— Que há de novo?

— Um grande levantamento, diz o outro. Os que estavam deitados levantaram-se quase todos!

★

Um polícia diz a um bêbado:

— Parece impossível que um homem chegue a este estado!

Ao que o bêbado respondeu:

— Que quer, senhor guarda? É para afogar os desgostos!

— E você consegue isso?

— Eu não!... Os malditos sabem nadar!...

★

Um médico é chamado por três colegas para jogar a sueca. A esposa, ao vê-lo sair à pressa, pergunta-lhe:

— É caso grave?

E ele responde:

— Muito grave!... Já lá estão três médicos!...

★

Entre namorados:

— Quero casar-me com uma mulher bonita, generosa, e que não seja presumida.

— Que sorte! querido, você terminou encontrado!...



IRÃO — Khomeiny, chefe da revolução iraniana, ataca o governo dizendo que é um governo de «fracos» que se entrega ao luxo e que, continuando assim ninguém o escutará. O que é certo é que, em nome da santa religião islâmica, tem havido neste país fuzilamentos em série.

É sempre a mesma cantiga: «Tira-te tu para me poner yo».

NOVA IORQUE — O presidente Carter foi a Médio-Oriente para ver se consegue o tratado de paz entre Israel e Egipto... Será desta vez?...

ANDORRA — Neste principado desceu o preço da gasolina. Agora a super está lá a 17\$70. Pouco mais

de metade do preço de cá. Bem se vê que lá são os pobretanas. Nós cá ainda temos dinheiro para a pagar a 31!...

ROMA — O Papa João Paulo II vem em Outubro próximo a Espanha, ao Congresso Internacional Mariano, que se realizará em Saragoça.

MOSCOVO — Realizaram-se na Rússia eleições. 175 milhões de votantes elegeram 1500 deputados. Devem ter sido eleições livres!... Quantos partidos concorreram?...

POLÓNIA — Os grupo parlamentar católico da Polónia apresentou em Oslo a candidatura do cardeal

Wyszynsky ao Prémio Nobel da Paz, fundamentando o pedido na luta incansável do cardeal pela defesa e afirmação da liberdade, dos direitos humanos e dos valores morais.

LISBOA — Foi suspensa a equipa realizadora do programa da R. T. P. «Os Anos do Século». Na verdade, no dia cinco de Março, este programa foi o cúmulo da falta de respeito pelo povo português que paga as taxas e é obrigado a ver programas facciosos sacrílegos, tenebrosos e não sei mais quê sob a capa de «antifascismo». Até quando suportaremos pagar uma televisão ao serviço do comunismo ateu? Até quando se anavalará o sentimento cristão de noventa por cento dos portugueses? O Povo e a Imprensa reagiram a esse vergonhoso programa. Mas ainda há quem queira exigir a continuação. Pois, pudera?... Mas esses são poucos e são conhecidos.